



Sociologia do Desenvolvimento. A invenção do 'Terceiro Mundo'.

Graduação em Relações Internacionais—USP
2º Semestre de 2019

Docente responsável: Prof. Dr. Alvaro A. Comin (548616) alvcomin@usp.br

Monitores: *Policarpo Fontes* <pfontes2010@gmail.com> e;

Pedro Micusi Micussi <pedromicussi@gmail.com>;

. [29 e 30/ago] 3. A geografia dos Sistemas-Mundo

[23 e 24/ago] 3. A geografia dos Sistemas-Mundo

Fernand Braudel (1987) *A dinâmica do capitalismo*. Rio de Janeiro, Ed. Rocco.

Arrighi, G. (1997) *A ilusão do desenvolvimento*. Petrópolis, Vozes. [Cap. 4 - “A estratificação da economia mundial: considerações sobre a zona semiperiférica” (partes I e II, pp. 137-160).

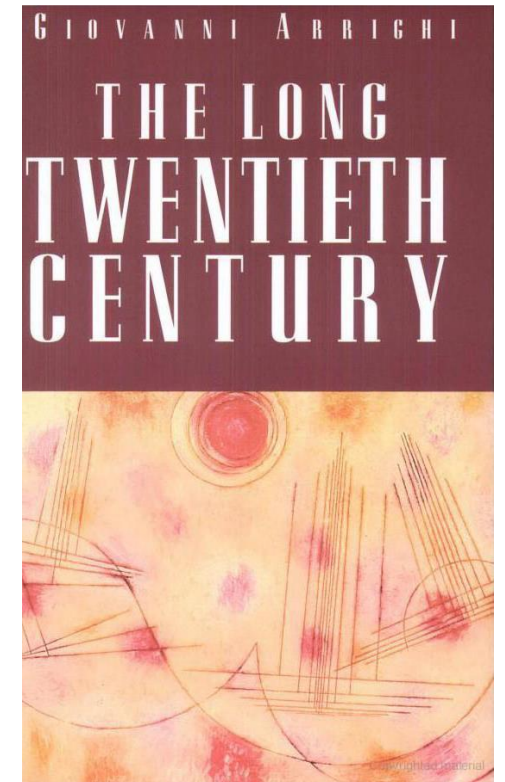
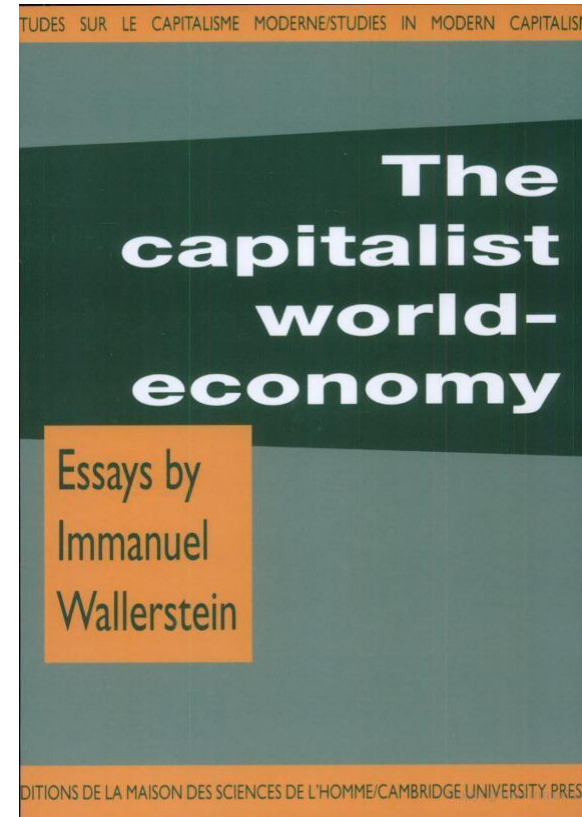
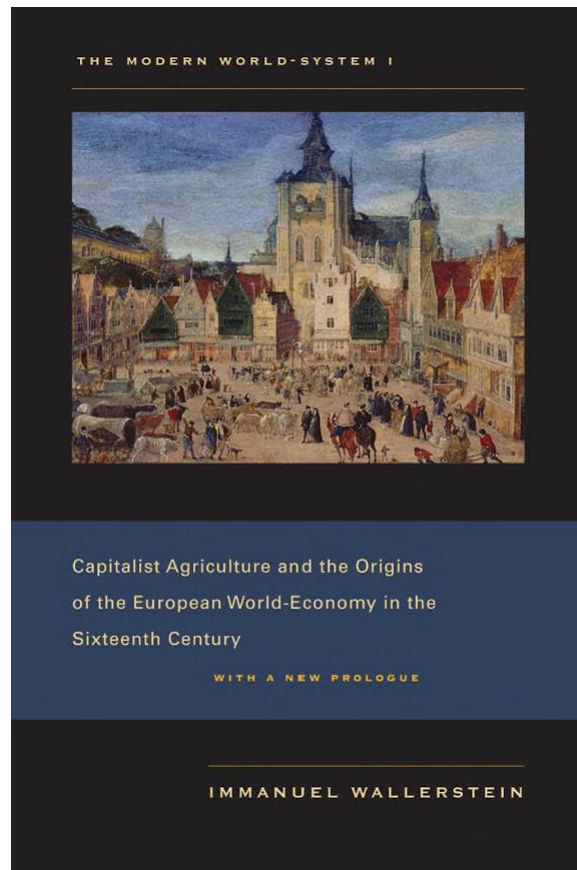
Prebisch, Raul “O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus problemas principais”. Cepal, 1949. (principalmente pp. 71-80).

Filme de hoje: *Where does your fruit come from and at what cost?* | DW Documentary

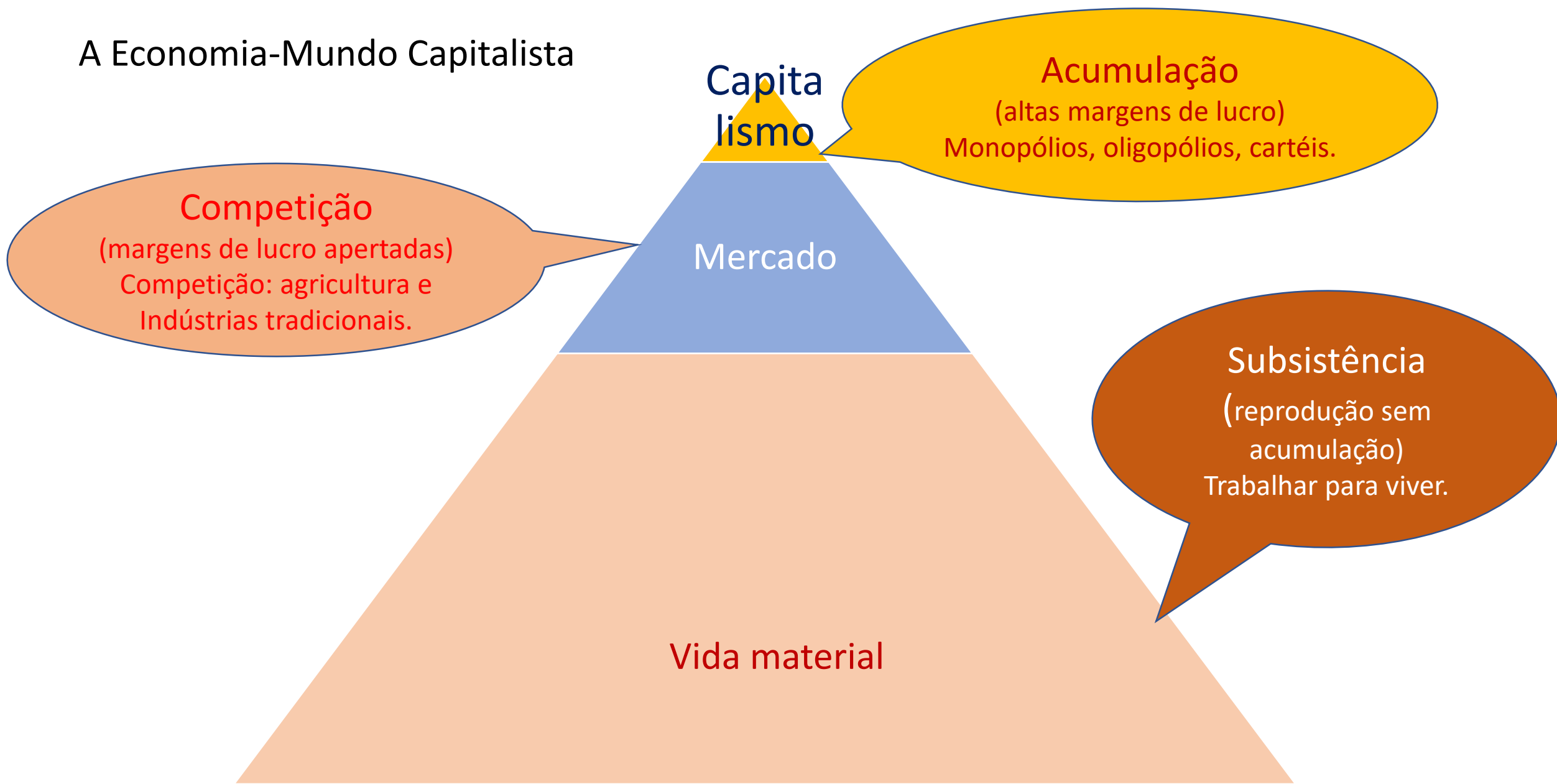
Teorias neo-marxistas

- Teoria do Sistema Mundo (Capitalismo Histórico).

The Modern World-System I: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century, With a New Prologue



A Economia-Mundo Capitalista



As 3 esferas da vida econômica hoje

- **Capitalismo e acumulação:** grandes empresas transnacionais (automóveis), oligopólios (bancos), cartéis (petróleo); monopólios (Sistemas Operacionais); patentes (fármacos, software); setores industriais com elevadas barreiras de entrada (aeroespacial).
- **Mercado e concorrência;** o “pequeno capitalista” (o lojista, o profissional liberal), o artesão, as indústrias tradicionais; o profissional liberal, o trabalhador assalariado.
- **Vida material e subsistência/sobrevivência;** Ex. trabalhadores rurais, trabalhadores informais urbanos (ambulantes, prestadores de serviços autônomos), empregadas domésticas;

Hierarquias e desigualdades entre **classes sociais** e **nações** (Braudel)

Ora, esse mundo afirma-se sob o signo da desigualdade. A imagem atual – **países prósperos, de um lado, países subdesenvolvidos, do outro** – já é verdadeira, *mutatis mutandis*, entre os séculos XV e XVIII. É claro (...), os países prósperos e os países pobres não permaneceram imutavelmente os mesmos; a roda girou. Mas, em sua lei, o mundo praticamente não mudou: continua, *no plano estrutural*, repartido entre privilegiados e não-privilegiados. **Existe uma espécie de sociedade mundial, tão hierarquizada quanto uma sociedade ordinária** e que é como a sua imagem ampliada mas reconhecível. Microcosmo e macrocosmo têm, em última análise, a mesma textura.

Hierarquias e desigualdades entre **classes sociais** e **nações** (Braudel)

O capitalismo tem necessidade de uma hierarquia. (...) **o capitalismo não inventa as hierarquias, utiliza-as**, do mesmo modo que não inventou o mercado ou o consumo. Ele é, na longa perspectiva da história, o visitante da noite. Chega quando tudo já está em seus devidos lugares. Por outras palavras, o problema em si da hierarquia supera-o, transcende-o, comanda-o de antemão.

Economia-Mundo e Divisão Espacial do Trabalho

Uma vez mais, há interesse em fixar o vocabulário. Com efeito, necessitaremos utilizar duas expressões: *economia mundial* e *economia-mundo*, a segunda mais importante ainda do que a primeira. Por *economia mundial* entende-se a economia do mundo considerada em seu todo, o “mercado de todo o universo”, como já dizia Sismondi. Por *economia-mundo*, palavra que forjei a partir do vocábulo alemão *Weltwirtschaft*, entendo a economia de somente uma porção do nosso planeta, na medida em que essa porção forma **um todo econômico**. Escrevi, já faz tempo, que o Mediterrâneo do século XVI era, por si só, uma *Weltwirtschaft*, uma economia-mundo;

As 3 zonas da economia-mundo

Toda a economia-mundo se reparte em zonas sucessivas. **O núcleo é a região que se estende em torno do centro:** as Províncias Unidas (mas não todas as Províncias Unidas) quando Amsterdam domina o mundo no século XVII; a Inglaterra (mas não toda a Inglaterra) quando Londres, a partir da década de 1780, suplanta definitivamente Amsterdam. Depois vêm **as zonas intermediárias**, em torno desse núcleo central. Finalmente, muito amplas, **as margens** que, na divisão de trabalho que caracteriza a economia-mundo, são **mais subordinadas e dependentes do que participantes**. Nessas zonas periféricas, a vida dos homens evoca freqüentemente o Purgatório, ou mesmo o Inferno.

Centro

“O esplendor, a riqueza, a alegria de viver, reúnem-se no centro da economia-mundo, em seu núcleo. É aí que o sol da história faz brilhar as cores mais vivas, é aí que se manifestam os preços altos, os salários altos, os bancos, as mercadorias “reais”, as indústrias lucrativas, as agriculturas capitalistas; é aí que se situam o ponto de partida e o ponto de chegada dos extensos tráficos (...) As técnicas de ponta também aí estão, habitualmente, e a ciência fundamental acompanha-as, está com elas. As “liberdades” aí se alojam, não sendo inteiramente mitos nem inteiramente realidades”.

As três hegemônias do capitalismo histórico: (Arrighi)

- Holanda – Sec. XVI e XVII;
- Inglaterra – Secs. XVIII e XIX;
- EUA – Sec. XX e XXI (?)

Zona Intermediária (Semi-Periferia)

Esse nível da existência baixa de um tom quando se atinge os países *intermediários*, esses vizinhos, esses concorrentes, esses êmulos do centro. Aí, **poucos camponeses livres**, poucos homens livres, **trocas imperfeitas, organizações bancárias e financeiras incompletas**, mantidas freqüentemente do exterior, **indústrias relativamente tradicionais**. Por muito bela que a França pareça ser no século XVIII, o seu nível de vida não se compara com o da Inglaterra. John Bull, “superalimentado”, comedor de carne, calça sapatos; e o francês Jacques Bonhomme, franzino, comedor de pão, macilento, envelhecido prematuramente, calça tamancos.

SEMI-periferia (Arrighi)

Uma das características mais notáveis da economia mundial é a existência de um número significativo de **Estados que parecem estar permanentemente estacionados** numa posição intermediária entre a "**maturidade**" e o "**atraso**", como diriam os teóricos da modernização, ou entre o "**centro**" e a "**periferia**", como diriam os teóricos da dependência. A título de ilustração, podemos pensar em alguns países latino-americanos, como a Argentina, Chile, México e Brasil; na África do Sul; e na maior parte dos países do sul e leste da Europa, incluindo a URSS. (Arrighi, p. 139)

Periferia

Mas como se está longe da França quando se aborda as **regiões marginais**! Por volta de 1650, para usar um ponto de referência, **o centro do mundo** é a minúscula Holanda ou, melhor, Amsterdam. **As zonas intermediárias**, as zonas segundas, são o resto da Europa muito ativa, ou seja, os países do Báltico, do mar do Norte, a Inglaterra, a Alemanha do Reno e do Elba, a França, Portugal, Espanha, a Itália ao norte de Roma. E **as regiões marginais** são, ao norte, a Escócia, a Irlanda, a Escandinávia, toda a Europa a leste de uma linha Hamburgo-Veneza, a Itália ao sul de Roma (Nápoles, a Sicília); enfim, além-Atlântico, a **América europeizada, margem por excelência**. Se excetuarmos o Canadá e as colônias inglesas da América em seus começos, **o Novo Mundo está por inteiro sob o signo da *escravatura***. Do mesmo modo, **a margem da Europa Central, até à Polônia e além, é a zona da *segunda servidão***, ou seja, de uma servidão que, depois de ter quase desaparecido como tal no Ocidente, aí foi restabelecida no século XVI.

Em resumo,

(...) a economia-mundo europeia, em 1650, é a **justaposição**, a **coexistência** de sociedades que vão desde a sociedade já capitalista, a holandesa, até às sociedades servis e escravistas, no fundo da escala. Essa **simultaneidade**, esse **sincronismo**, fixam todos os problemas ao mesmo tempo. De fato, o capitalismo vive dessa sobreposição regular: as zonas externas alimentam as zonas medianas e, sobretudo, as centrais. (p. 60)

Essa tese é uma explicação diferente do **habitual modelo sucessivo: escravidão, servidão, capitalismo**. Postula uma simultaneidade, um sincronismo singular demais para não ser de grande alcance.

OESTE ← MODERNIZAÇÃO E PERIFERIZAÇÃO → LESTE

Século XVI (Wallerstein)

Inglaterra

Manufatura

Diversificação

Assalariamento

Liberalismo Político

Polônia

Mono-produção Agrícola

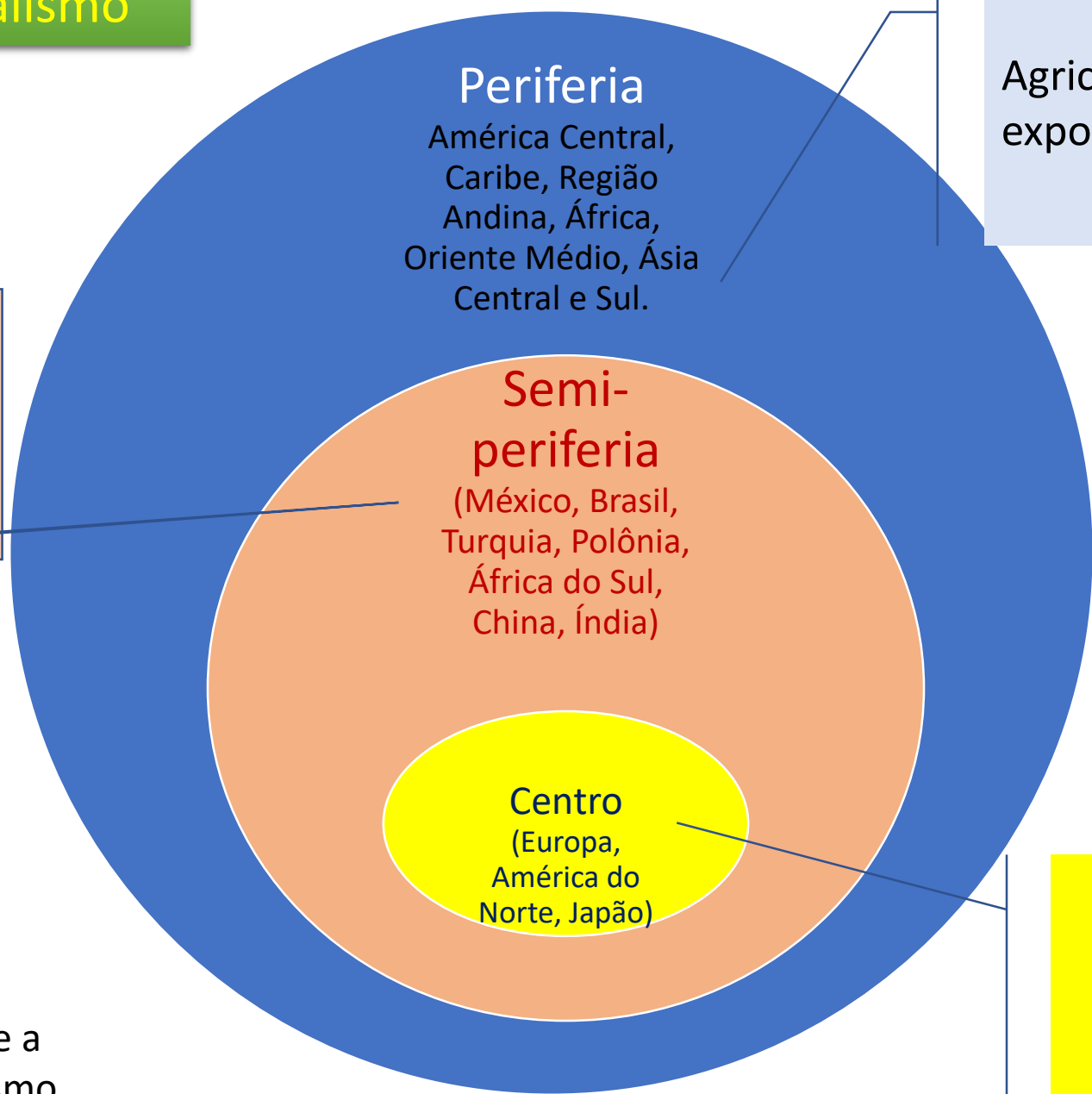
Especialização

Servidão

Autoritarismo



As três regiões do capitalismo



Periferia

América Central, Caribe, Região Andina, África, Oriente Médio, Ásia Central e Sul.

Agricultura de subsistência, exportação de commodities

Semi-periferia

(México, Brasil, Turquia, Polônia, África do Sul, China, Índia)

Indústrias tradicionais, commodities agrícolas e minerais, serviços não especializados

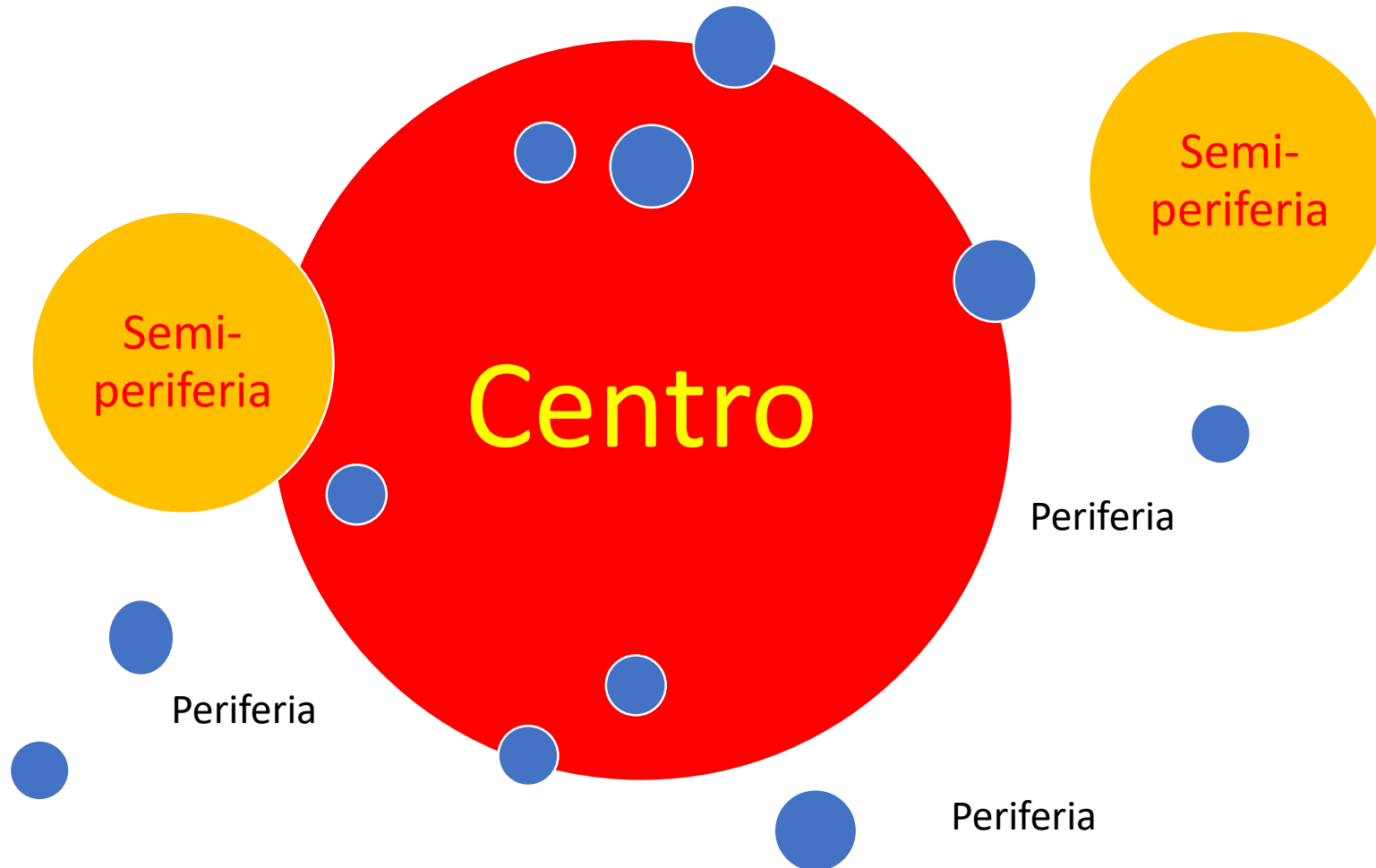
Centro

(Europa, América do Norte, Japão)

Indústrias intensivas em capital e tecnologia, Finanças, Serviços Tecnológicos

O ciclo de vida dos produtos e a dinâmica espacial do capitalismo

Sistema-Mundo do ponto de vista da concentração do capital



A estrutura da economia-mundo (Wallerstein)

Ao longo do tempo, os *loci das atividades económicas* vão mudando... Daí a razão por que algumas áreas "progridem" e outras "regridem". Mas o fato de Estados específicos mudarem sua posição na economia mundial, da semiperiferia para o núcleo orgânico, digamos, ou vice-versa, não muda, em si mesmo, a natureza do sistema. Essas mudanças serão registradas por Estados individualmente, como "desenvolvimento" ou "regressão". O fator-chave a observar é que, no interior da economia capitalista mundial, *por definição, os Estados não podem todos "se desenvolver" simultaneamente, já que o sistema funciona graças à existência de regiões desiguais de núcleo orgânico e de periferia* (Wallerstein, 1979:60-61; em itálico no original).